

# RUY FABIANO

PONTO DE VISTA

## FHC reassume

A reação do governo Fernando Henrique ao discurso triunfalista do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) foi uma imposição natural dos acontecimentos. Se reagisse de outro modo, o governo estaria confessando nada menos que sua própria inexistência.

Aí, o mais coerente seria o presidente Fernando Henrique deixar o Palácio do Planalto pelos fundos e entregá-lo de vez ao comando do senador baiano. O presidente fez a coisa certa, ainda que com alguma lentidão. Ao criticar ontem os homens públicos que agem aos gritos — menção óbvia a ACM —, retomou o comando da situação.

Desfez a imagem de homem acuado, passada ao público pelo tom triunfal com que ACM conduziu inicialmente os acontecimentos. Houve, na verdade, temor com a investida do senador baiano. Ele, afinal, acenou com coisas preocupantes: denúncias à equipe econômica e uma CPI para examinar as intervenções no Banespa, Banerj e Econômico. Não lhe seria difícil aliar-se à oposição para instalar a CPI (que, aliás, já está proposta pelo PT).

Ainda que nada de irregular tenha havido nessas intervenções, como sustenta o governo, sabe-se que a simples instalação de uma CPI já detonaria transtornos irreparáveis ao Plano Real. O mercado financeiro é sensível à adrenalina dos políticos. ACM jogou com essa paranóia. Fez uma espécie de tudo ou nada, muito a seu estilo. No primeiro instante, deu certo: o governo recuou, admitiu suspender a liquida-

ção e entregar o Banco Econômico ao governo baiano.

ACM, a partir daí, roubou a cena: exibiu seu triunfo por todas as redes nacionais de tevê. Mais: segundo se informa, estava programada festa apoteótica em seu retorno a Salvador, nesse fim de semana. Prudentemente, mandou cancelá-la. Não há nada a comemorar, pelo menos por enquanto. Foi aí que o governo se deu conta de que não poderia se transformar em refém do senador baiano e de seu grupo político.

Pior: refém moral. A partir do momento em que o senador declarou dispor de um dossiê, com revelações acerca da equipe econômica, criou um grave problema para o governo. O ministro da Fazenda, Pedro Malan, não tinha outra saída, senão conchamar o senador a exibir o dossiê. O senador então amansou: disse que jamais dissera que havia um dossiê. O presidente, por sua vez, contra-atacou: jamais prometera recursos do tesouro para salvar o Econômico. ACM garante o contrário.

O disse-me-disse torna ainda mais improvável a salvação do Econômico. Se havia compradores por perto, é certo que, com a intensa politização do assunto, já devem estar longe. Quem quer comprar um banco arrombado (e arrombado em bilhões de dólares), cujo espólio e sua destinação dependem de interesses políticos regionais?

Tudo indica que o triunfo inicial de ACM se encaminha para uma fragorosa derrota política — e financeira.